



RODRIGUES, NELSON. VESTIDO DE NOIVA, EM TEATRO COMPLETO I: PEÇAS PSICOLÓGICAS. RIO DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA, 1981. P. 108-167.

Claudiomar Pedro da Silva<sup>1</sup>

Em vinte e oito de dezembro de 1943, no teatro Municipal do Rio de Janeiro, estreou não só mais uma peça de Nelson Rodrigues, como também o início de uma nova dimensão ao teatro brasileiro. Pode-se dizer que *Vestido de Noiva* inaugurou um modo de fazer teatro nunca antes visto em nosso país, utilizando recursos inéditos e rompendo os padrões da época. Nesse sentido, a peça é posta no nível das grandes produções mundiais, já que elevou a literatura dramática nacional, perdendo o complexo de inferioridade das produções nacionais e mostrando as inovações estilísticas do drama moderno.

Como a peça é estruturada na esfera psíquica, ela é classificada como uma das peças psicológicas de Nelson Rodrigues. A saber, rompe a ordem cronológica e espacial dos fatos e foge da tessitura estritamente linear, além de utilizar a técnica das ações simultâneas, denominada pelo próprio autor de tragédia em três atos; além disso, a peça é dividida em três planos: realidade, memória e alucinação.

A trama inicia-se com o atropelamento de uma jovem por um automóvel, em uma das noites do Rio; esta jovem é Alaíde, moça da classe média que se casa com Pedro, um jovem bem de vida, que já havia namorado sua irmã, Lúcia. Como Lúcia havia se recusado ir para cama com Pedro antes do casamento, ele se casa com Alaíde, que concordou sem pudor.

No contexto da peça, jornalistas informam sobre o acidente, enquanto médicos fazem de tudo para salvar Alaíde no hospital. Em uma mesa de operação, a protagonista relembra o conflito com sua irmã de quem tomou o namorado e imagina um encontro com Madame Clessi, uma prostituta do início do século, que havia sido morta pelo amante, um jovem de dezessete anos. Alaíde conheceu Madame Clessi lendo um diário, objeto esse encontrado em seu quarto, juntamente com um espartilho. Quanto mais Alaíde conhece Clessi, mais se imagina vivendo as aventuras ilícitas, fantasiando ser uma meretriz.

Enquanto no plano da realidade Alaíde morre na mesa de operação, em alucinação Alaíde e Madame Clessi assistem ao enterro; há também a discussão com Lúcia, quando a protagonista jura que mesmo depois de morta iria fazer de tudo para que a irmã não ficasse com Pedro. Porém, mesmo com a recordação de Alaíde vestida de noiva, Lúcia se casa com Pedro.

O plano da realidade é utilizado pelo autor para situar os acontecimentos, indicando o tempo linear da história; portanto, esse plano surge de vez em quando no enredo da

1. Mestrado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Formador CEFAPRO e docente da UNEMAT.

peça. Já no início, é narrado um acidente: “MICROFONE – Buzina de automóvel. Rumor de derrapagem violenta. Som de vidraças partidas. Silêncio. Assistência. Silêncio.” (RODRIGUES, 1981, p. 109). Ligeiramente, repórteres anunciam o acidente.

Este plano é responsável pelos diálogos rápidos e precisos. Em outro momento do texto, uma mulher se encontra na mesa de operação rodeada de médicos. E, depois de muitos esforços, os médicos dão por encerrados os trabalhos cirúrgicos e o repórter anuncia a morte de Alaíde “PIMENTA – Chegou aqui em estado de choque. Morreu sem recobrar os sentidos; não sofreu nada.” (RODRIGUES, 1981, p. 161).

Os planos da alucinação e da memória são mais explorados por Nelson, isto é, eles são justificados pelos diálogos e pelas situações que projetam o exterior da mente de Alaíde que, mesmo em delírio, evidencia-se, na busca de uma situação de equilíbrio. Ela procura recontar sua história, buscando estabelecer sua identidade. “ALAÍDE (*fica em suspenso*) – Não sei. (*em dúvida*) Me esqueci de tudo. Não tenho memória – sou uma mulher sem memória. (*impressionada*) Mas todo o mundo tem um passado; eu também devo ter – ora essa!” (RODRIGUES, 1981, p. 112). Esses planos se passam no subconsciente da protagonista, uma vez que eles não obedecem a rígidas fronteiras. A memória, por exemplo, deveria se afixar a acontecimentos do passado; porém, em algumas cenas, aparece Clessi, que pertence ao território do delírio. Contudo, os dois planos às vezes são confundidos por Alaíde, inclusive alguns acontecimentos estão na lembrança e são do plano alucinatório.

O passado surge no plano da memória, instigado pela figura de uma confidente. Trata-se de um papel que é assumido por Madame Clessi, afim de ajudar Alaíde a compor sua história, principalmente nos momentos quando as imagens do passado e do presente se confundem e as lembranças não têm mais uma sequência cronológica. Tal aspecto deixa evidente que a fronteira entre a alucinação e a memória não está bem demarcada.

Instigada pelo diálogo com Madame Clessi, Alaíde ativa o plano da memória em plena alucinação. Então, ela revê os fatos de sua vida, na tentativa de constituir sua identidade. Ela também lembra a rivalidade com sua irmã, assim como a disputa pelo noivo e o desejo pela morte breve da irmã.

No trecho: “MADAME CLESSI – Deixa o homem! Como foi que você soube do meu nome?” (RODRIGUES, 1981, p. 115), percebe-se a recordação de um questionamento de Cressi. Alaíde ainda procura recordar como foi o diálogo de seu pai com sua mãe, falando a respeito do quarto que há tempo atrás era da mundana. Porém, é no plano da alucinação que o questionamento é de fato atendido: “ALAÍDE – Lá vi a mala – com as roupas, as ligas, o espartilho cor-de-rosa. Encontrei o diário. (*arrebata*) Tão lindo, ele!” (RODRIGUES, 1981, p. 116).

A protagonista Alaíde, com a insatisfação dos anseios mais reservados, é levada a roubar os namorados da irmã e inclusive o marido Pedro, a última de suas conquistas. No plano da alucinação, ela revela seus desejos mais profundos, assim como o fascínio pelas aventuras vividas por Madame Clessi, a cocote de 1905, grande prostituta que satisfazia as fantasias sexuais como bem lhe conviesse. Contudo, a vida de prosaica de Alaíde a impedia de viver as aventuras de uma prostituta.

O nome da peça é altamente simbólico, uma vez que *Vestido de Noiva* representa

---

o casamento, mais precisamente um elemento da cerimônia de casamento. Faz referência simbólica também à mudança de estado civil, constituindo-se de uma nova etapa na vida do indivíduo, como se fosse uma espécie de ritual.

○ universo da peça consagrou Nelson Rodrigues como um dos maiores dramaturgos brasileiros, pelo seu caráter inovador. Soma-se a isso o fato de que a peça é uma obra dramática aberta, uma vez que é motivo, ainda hoje, de inúmeras interpretações e polêmicas, independente do tempo e do espaço em que é discutida ou encenada.

